

ONDE ESTÃO OS LINGUISTAS NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA?

Thiago Oliveira da Motta Sampaio¹ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O que é a linguística? Podemos dizer que esta é a ciência da linguagem, que possui o seu núcleo na pesquisa da estrutura fonológica, sintática e semântica da comunicação humana (linguagem), mas que também realiza suas interfaces com diferentes disciplinas como, por exemplo, a sociologia (sociolinguística), a história (linguística histórica), o direito (linguística forense), a psicologia (psicolinguística), a biologia (biolinguística), a neurociência (neurolinguística) e a computação (linguística computacional). Cada uma dessas subáreas tem seu próprio programa de desenvolvimento tecnológico e científico. Por outro lado, a resposta a essas perguntas são diversas a depender de quem são as pessoas questionadas. Através de um relato de experiência, busco revisar as principais reações do público que desconhece a área e as medidas tomadas por linguistas para aproximar sua área desse público. Desse modo, o presente artigo tem o objetivo de estabelecer um rápido mapa das principais ações realizadas por linguistas e não linguistas na divulgação científica brasileira. Para isso, uso como base a definição de divulgação científica de Soares (2013) com ligeiras modificações para listar as principais ações de divulgação da linguística brasileira nos últimos dois anos, dentre eles, participações em festivais de divulgação, criação de revistas voltadas para o público não linguista, criação de conteúdo para blogs, podcasts e youtube.

Palavras-chave: linguística; divulgação científica; youtube; blogs; podcasts.

Abstract:

What is Linguistics? We can say that it is the science of language, which focuses in the research of the phonological, syntactic and semantic structure of human communication (language). It also interfaces, for example, with sociology (sociolinguistics), history (historical linguistics), Law (forensic linguistics); psychology (psycholinguistics), biology (biolinguistics), neuroscience (neurolinguistics) and computing (computational linguistics). Each subfield of linguistics has its own goals for technological and scientific development. However, the answers to these questions are diverse and depend on who answers the questions. Through an experience report, I review the main reactions of the public that are unaware of the field and what linguists do to bring their area closer to that public. Thus, the present article has the goal of establishing a quick map of the main actions carried out by Brazilian linguists and non-linguists for scientific dissemination of language studies. With slight modifications, I follow the definition of scientific dissemination of Soares (2013) to list the main initiatives for the dissemination of Brazilian linguistics in the past two years. Among them, I list the participation in festivals of science dissemination, magazines directed to the public, blogs, podcasts and YouTube.

Keywords: linguistics; scientific dissemination; youtube; blogs; podcasts.

1. Introdução

Em junho de 2014 participei do encontro do GT de psicolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Letras e linguística (Anpoll), na

¹ Professor de Processos Cognitivos e de Psicolinguística no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Produtor de conteúdo sobre linguagem nos Blogs de Ciência da Unicamp e nos podcasts do Portal Deviante.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na ocasião, fiquei hospedado na casa de uma grande amiga jornalista. Mais do que receber um amigo em sua casa, a semana também seria festiva devido ao aniversário de seu marido, que aconteceu numa tradicional tainhada num restaurante em frente à praia. Nesse almoço estavam jornalistas, políticos, advogados e professores. Em meio a tanta gente eu me sentia um penetra, nem tanto por conhecer poucas pessoas da mesa, mas por profissão. Afinal, o que é um linguista nesse meio? Curiosamente, com o passar das conversas, a impressão mudou. Ao perguntarem sobre o que faço da vida, comentei sobre meu doutorado em linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e que estava na cidade para um evento científico. Nesse momento, parte da mesa se interessou pela resposta e iniciou uma seção de discussões e perguntas sobre os trabalhos de Saussure, Chomsky e cia.

Embora eu não consiga vislumbrar o dia em que essa situação se torne lugar comum, essa foi especialmente rara. Colegas matemáticos, físicos e psicólogos cognitivos comentam frequentemente sobre suas frustrações quando, em momentos semelhantes, as pessoas tentam falar sobre essas áreas usando senso comum. Mas embora exista um senso comum sobre as línguas e a linguagem, muitos sequer o conhecem.

Esse almoço em Florianópolis foi importante por ter sido minha primeira experiência de conversa informal com um público que já sabia o que é linguística. Mais do que isso, foi importante descobrir que é possível fazer um bom trabalho de divulgação da área, assim como foi feito pela professora Leonor-Scliar Cabral (UFSC), um importante nome da primeira geração da psicolinguística brasileira, responsável por essa experiência. Mesmo que não realize, até onde sei, ações focadas em divulgação para um público mais amplo, naquela mesa eu percebi o quanto é importante que essas ações comecem no nosso próprio círculo social.

Esse artigo se trata basicamente de relatos de experiência e de um rápido mapeamento sobre a situação da divulgação científica da linguística no Brasil. Na próxima seção vou discursar sobre as visões que o senso comum tem sobre os estudos da linguagem. Em seguida, farei um pequeno panorama sobre o que de fato é a linguística. Na seção 4 reviso algumas ações interessantes de divulgação científica na área. Na última seção faço uma reflexão sobre minha experiência de divulgação, especialmente através do Portal Deviante e dos Blogs de Ciência da Unicamp, tecendo minhas considerações finais.

2. O que é linguística? A percepção dos não linguistas

Em conversas com cientistas de outras áreas, com funcionários de livrarias, com motoristas de aplicativos e em mesa de bar, percebi duas coisas: (i) normalmente as pessoas ou não sabem o que é linguística ou que estudos semelhantes existem, ou (ii) acreditam que é algo muito diferente do que realmente é. De fato, o nome ‘linguística’ leva as pessoas a pensar diretamente em línguas e ‘quem trabalha com língua é professor e tradutor’. Nessa seção me dedico a elencar as principais reações que percebo entre os não-linguistas no meu cotidiano.

Das reações que observei, uma que felizmente vem sendo cada vez mais rara pode ser resumida pela expressão “*Lingoquê!?*”. Isso ocorre quando as pessoas são sinceras e declaram não fazer ideia do que trata o trabalho de um linguista ou mesmo que nunca escutaram essa palavra. Ainda assim, é comum vermos outras reações de quem conhece um pouco do trabalho, mas ainda de forma muito superficial. Um exemplo bem comum é quando, ao informar que somos linguistas, nos perguntam: “*quantas línguas você fala?*”. Ao menos, essa percepção do linguista é positiva, afinal se trata de um comentário que demonstra um interesse sincero sobre a diversidade linguística no mundo. De todo modo, é possível ser um linguista sabendo apenas a sua língua materna (além do inglês para comunicação internacional) e nem todo linguista trabalha descrevendo as línguas do mundo.

Infelizmente, algumas opiniões do público sobre os linguistas podem ser negativas. Uma dessas opiniões nasceu e cresceu em 2011, ano em que a sociolinguística ganhou certo destaque a ponto de inserir alguns de seus conceitos no livro de língua portuguesa da coleção *Viver, Aprender*, distribuída pelo Programa Nacional do Livro Didático do MEC (BAZZONI et al., 2013). A razão para o livro e a linguística se tornarem assunto de mesa de bar é que o livro era, segundo um *youtuber* famoso na época, feito pelos amigos do Lula para ensinar as nossas crianças a falar errado. O objetivo do livro, por outro lado, era demonstrar que ninguém fala como prescreve a gramática normativa e, com isso, reduzir o preconceito linguístico no ensino que diminui o interesse pelas aulas de língua portuguesa. Isso não quer dizer que *os livro ensinava* a falar ou escrever errado, apenas indicava que era importante saber a norma culta e usá-la nos contextos cabíveis sem perder sua identidade linguística em casa ou com os amigos. A título de exemplo, eu acharia muito estranho se algum colega de equipe de futebol se dirigisse a mim da seguinte forma: “*Prezado companheiro de equipe, dirijo-me a ti com o objetivo de questioná-lo sobre o porquê de não ter me cedido a bola no lance anterior. Por vosso*

desleixo nos abstemos de estar à frente no certame". Saber a língua também quer dizer saber usá-la de forma adequada para cada situação.

Outra opinião negativa relativamente comum vem da parte dos biólogos por conta de um mal-entendido. Embora existam exceções, para os linguistas os animais não possuem linguagem. Muitos biólogos criticam essa posição visto que, devido às semelhanças entre primatas humanos e não humanos, não há razões biológicas ou evolutivas para acreditar nisso. Um exemplo vem do vídeo ‘*O ato não compadecido*’² do Canal do Pirulla, que garante que:

“(...) se as cordas vocais dos chimpanzés fossem um pouquinho mais pra baixo, se pudesse acontecer isso, a gente poderia ter um papo com os chimpanzés com uma riqueza ou uma facilidade tão grande como a que a gente tem com uma criança de 5 ou 6 anos, talvez até melhor dependendo da criança ou dependendo do chimpanzé. E inclusive, esse processo de migração da corda vocal acontece com a gente. Por isso que, quando a gente nasce, a gente não consegue falar. A gente só consegue fazer grunhidos. E é muito interessante o pessoal argumentar, por exemplo, que a fala é o que separa a gente do chimpanzé porque simplesmente você está excluindo as pessoas mudas disso aí né!?”

Os biólogos estão certos em defender que as diferenças entre as espécies são mínimas, especialmente em veículos de divulgação científica, de forma a quebrar alguns mitos/tabus sobre as pesquisas da biologia, especialmente aqueles relacionados ao criacionismo. Mas imagino que todas as áreas querem romper com mitos e tabus sobre o que o senso comum diz sobre o seu trabalho, e o mesmo acontece com os linguistas.

Concordo com o Pirulla no que diz respeito ao argumento de a *Fala* separar os primatas humanos e não humanos. Mas a linguística não diz isso e qualquer pessoa que o diga estaria completamente equivocada tanto do ponto de vista biológico quanto do ponto de vista linguístico. O que os linguistas dizem é que a *linguagem* é uma característica exclusivamente humana e nem tanto por crença, mas pela própria definição do objeto. Veja que o termo *linguagem* não pode ser encarado aqui com o sentido normalmente atribuído em conversas cotidianas, mas com o sentido de ‘comunicação humana’, que é diferente da comunicação primata, da mesma forma que é diferente da dança das abelhas, independente das possíveis e prováveis semelhanças que possamos encontrar entre esses sistemas.

² Pirulla #77 – O ato não compadecido. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=FMUHEN_i6S0>. Acesso em: 19/10/2018.

Outro argumento é o de que bebês e chimpanzés não falam por terem as cordas vocais mais altas. Esse comentário se demonstra equivocadamente simplista e desconsidera os processos de amadurecimento do controle motor da boca, os processos de aquisição de língua materna e os diversos experimentos realizados com primatas não-humanos. Por exemplo, o artigo de Fitch et al. (2016) modela computacionalmente a boca de um chimpanzé e demonstra que ele seria fisicamente capaz de falar e usar línguas com um inventário mais limitado de vogais, independente de suas cordas vocais. Porém, lhes falta capacidade cognitiva para isso. Observe que essa crítica é direcionada ao argumento do vídeo e não ao *youtuber* que, inclusive, parece ter compreendido isto e até ajudou a divulgar o episódio #118 do podcast Spin de Notícias³ no qual esclareço esse mal-entendido.

No final de 2016, a visão da linguística voltou a ser positiva, graças ao filme ‘*A Chegada*’ que trouxe uma personagem linguista como protagonista. O filme foi inspirado no conto ‘*Uma história de sua vida*’ (CHIANG, 2016) e, embora o conto seja mais fidedigno ao trabalho de um linguista, o filme foi um sucesso e fez com que o público voltasse a falar sobre a área e com admiração, trazendo o tema também para diversos *blogs*, *podcasts* e canais *youtube* de divulgação científica. É possível que a personagem Louise Banks tenha um papel para a linguística análogo ao de Indiana Jones para a arqueologia.

Infelizmente, na minha opinião os linguistas perderam o *timing*. Enquanto o público falava de ‘*A Chegada*’ e queria saber o que faz um linguista, alguns linguistas ainda se focavam em reclamar da atitude dos que, seis anos antes, comentavam sobre o ‘livro que ensinava as crianças a falar errado’. Com isso, o papel de divulgar a linguística, em parte, ficou na mão de divulgadores de outras áreas. Embora, por exemplo, o físico Pedro Loos (Ciência Todo Dia) e os biólogos Átila Iamarino (Nerdologia e NerdCast) e o próprio Pirulla tenham feito excelentes trabalhos de divulgação, outros nem tanto. Deixar a divulgação da área para quem não conhece a área não me parece uma boa estratégia.

3. Mas o que é linguística, afinal?

³ Spin de Notícias #118. Disponível em: <www.deviant.com.br/podcasts/spin/spin-de-noticias-118/>. Acesso em: 19/10/2018.

Até o momento ainda não definimos o que é linguística e acredito que esse é o melhor ponto para fazê-lo. Nos próximos parágrafos tentarei dar uma definição própria da área que, embora não seja necessariamente um consenso, parece funcionar entre a grande maioria das abordagens com que tive contato até o momento.

De uma forma simplista, é possível dizer que a linguística é a área da ciência que estuda a comunicação humana. Isso faz com que qualquer outra forma de comunicação encontrada na natureza não seja o foco dos estudos linguísticos, mesmo que possa ser utilizada como ponto de comparação (ex. comunicação de primatas não humanos). Por esse motivo, outras formas de comunicação não são consideradas linguagem. Porém, essa definição ainda não explica como funciona o todo dos estudos da linguagem.

A linguagem pode ser definida como a capacidade de usar línguas. As línguas podem ser definidas como a estrutura sonora e lógica pela qual são conhecidas, como, por exemplo, português, inglês, karajá e māori. Ao estudar as línguas, os linguistas conseguem compreender dentre outros, o léxico, a fonologia, a prosódia, a sintaxe e a semântica de uma língua. Mas esse é só o início da história.

A linguagem é um objeto de estudo fluido que permeia outras áreas do conhecimento humano. Por isso, é importante realizar interfaces. Nesse sentido, como conseguimos decifrar escritos antigos e perceber as mudanças que aconteceram numa língua ao longo de sua história? Esse seria o papel da linguística histórica. Ou como sabemos o papel social dos diferentes usos de uma determinada língua? Para isso existe a sociolinguística. Também é possível pesquisar as bases biológicas e evolutivas da linguagem através da neurolinguística⁴ e da biolinguística. A linguística computacional é responsável, por exemplo, por realizar simulações de processamento e aquisição de linguagem natural e buscar aplicações da linguagem em sistemas eletrônicos como nas assistentes de celulares e nos mecanismos de tradução automática. A linguística forense busca auxiliar as investigações jurídicas, a psicolinguística busca compreender os mecanismos pelos quais compreendemos palavras, frases e textos, ou como a criança adquire uma língua nativa sem qualquer instrução formal. A linguística de campo (ex. linguística indígena) busca documentar as línguas do mundo. Estas e outras interfaces também fazem parte da Linguística, tornando-a uma das áreas mais interdisciplinares que existem.

⁴ Repare que o nome Neurolinguística não tem qualquer relação com Programação Neurolinguística (PNL) que, por sua vez, não tem qualquer relação com nenhuma área ou interface da linguística, apesar do nome.

Por fim, como divulgar uma área tão extensa? Na próxima seção apresento algumas ações que foram realizadas para a divulgação da linguística dentro e fora do meio acadêmico.

4. Ações de divulgação da linguística no Brasil

Nessa seção, entendo como Divulgação Científica a definição de Soares (2015): “[...] *textos jornalísticos, textos de opinião, museus, exposições, livros, documentários, sites, blogs, e tudo mais que não é obrigatório na escola, mas poderia e deveria ser incentivado por ela*”. Nesse sentido, busco elencar algumas ações que considero importantes e marcantes para a divulgação da linguística no Brasil. Nesse sentido, excluo dessa seção ações que se apresentam no formato ‘aula’. Embora não descarte e reconheça a importância de que algumas aulas também sejam divulgadas, acredito que aulas e divulgação científica são ações bastante distintas. Acredito também que o formato aula remonta aquela relação de poder em que existe alguém que detém o conhecimento e o transmite para aqueles que não o têm, enquanto as ações de divulgação científica buscam realizar discussões em que os interessados têm voz e interação na construção do conteúdo.

Nesse momento, vale ressaltar três pontos: (i) privilegiei nessa seção a divulgação de material específico da área da linguística e suas interfaces científicas, excluindo ações que são focadas no ensino de língua portuguesa ou estrangeira (gramática) que trazem eventualmente conteúdo sobre pesquisa linguística; (ii) obviamente muitas ações ficaram de fora, não por não serem importantes, mas por limitação de espaço; (iii) nesse mesmo sentido, privilegiei aqui ações nas mídias de massa que considero mais sistemáticas e que permitem um determinado nível de profundidade de conteúdo e de interação como *blogs, youtube, podcasts*, competições acadêmicas e festivais de divulgação científica. Deixei de fora mídias como *Facebook, Instagram* e outras por considerá-los mais eficientes como *hubs* de informação do que um veículo de divulgação em si.

Uma parte considerável da divulgação da linguística no país vem, curiosamente, de não linguistas que se interessaram pelo tema. Um deles é o Pedro Loos, do canal ‘Ciência Todo Dia’ no *youtube*, que vem trabalhando em pautas sobre diferentes temas dos estudos linguísticos como sotaques, linguística histórica e psicolinguística. Outro canal que merece destaque é o Nerdologia, do biólogo Átila Iamarino, que também possui alguns vídeos sobre línguas sinalizadas, aquisição de linguagem e sobre o filme ‘A

Chegada' que envolve uma pitada de psicolinguística. Esses canais são bem responsáveis com seus conteúdos e vêm fazendo um trabalho louvável mesmo não sendo especialistas.

No que tange aos linguistas brasileiros, um canal youtube que merece destaque é o 'Enchendo Linguística', apresentado pelos alunos Igor Costa (PUC-RJ) e Marcos Felipe Sant'Anna (Unicamp; ex-UERJ). O canal se dispõe a tratar de temas pontuais em uma conversa que simula uma mesa de bar entre dois amigos e ganhou destaque logo que foi iniciado. O canal, porém, passa por um hiato e, no momento, não possui previsão para voltar às atividades. Uma entrevista com os responsáveis pelo canal pode ser encontrada em Sampaio (2017).

Embora esteja inativo atualmente, o canal serviu praticamente como uma chama que encantou e inspirou diversos linguistas a se aventurarem na divulgação de suas atividades. Nos *podcasts*, quatro linguistas fazem parte de dois dos podcasts mais tradicionais de popularização da ciência no Brasil. O *Dragões de Garagem* conta hoje com a professora Mahayana Godoy (UFRN) em sua equipe. Já o *Portal Deviante* conta com a participação de Débora Cabral (UnB), Thiago Motta Sampaio (Unicamp) e Glizia Paulo na equipe do *Scicast*. Débora Cabral também participa dos *podcasts* *Contrafactual* e das pautas de história do *Scicast*. Thiago Sampaio, a cada um mês e meio apresenta o *Spin de Notícias*, um podcasts diário de notícias científicas no mesmo portal, com temas variados que abarcam psicolinguística, aquisição de linguagem, biolinguística, linguística indígena, entre outros. O *Scicast* tem uma média de 90 mil downloads por programa. O *Spin de Notícias* tem uma média de downloads entre 7 e 10 mil downloads por programa segundo o último Censo Scicast.

A nova diretoria da Associação Brasileira de Linguística (Abralin) também busca fazer essa ponte entre a pesquisa linguística e o público. Para isso, tem realizado ações de divulgação interna entre as áreas, além de organizar a revista *Roseta*, na qual incentiva que pesquisadores da área escrevam textos de forma acessível ao público. A *Roseta* conta hoje com artigos de sociolinguística, linguística indígena, entre outros temas. A revista é coordenada hoje pela professora Mahayana Godoy (UFRN).

Num caminho semelhante, alguns linguistas organizaram blogs para falar de suas leituras, seus trabalhos e temas afins. Uma dessas iniciativas é o blog *#Linguística*, nos Blogs de Ciência da Unicamp. Esse *blog* se trata de um trabalho em conjunto iniciado pelas coordenadoras da graduação em linguística da Unicamp, Monica Zoppi e Sheila Elias e é alimentado por professores e pós-graduandos. Outro *blog* interessante é o de

Luisandro Mendes (UFRGS) com conteúdos diversos. Num estilo semelhante, Sírio Possenti (Unicamp) mantém a coluna Palavrado na revista Ciência Hoje.

Especialmente no ano de 2017, alguns linguistas também aproveitaram a ocasião do filme *A Chegada* para participar do *Pint of Science*, um festival anual de divulgação científica. Nesse ano, Janaína Wessheimer (UFRN) falou sobre a importância das palavras junto ao neurocientista Sidarta Ribeiro, em Natal. Já em Campinas, Thiago Motta Sampaio (Unicamp) palestrou numa mesa sobre a exploração do universo pela humanidade⁵, em uma mesa com o astrobiólogo Douglas Galante (USP) e com o astrofísico Lucas Fonseca da Missão Garatêa.

Outra forma de divulgação científica é a inserção da linguística nas Olimpíadas de Conhecimento, levando os conhecimentos da área para alunos do ensino médio que podem se interessar pelo tema e procurar a área no vestibular. A *Olimpíada Brasileira de Linguística* existe desde 2011 e leva para alunos do Ensino Médio questões que envolvem lógica, intuição linguística e conhecimento de mundo para a resolução de problemas. A olimpíada foi idealizada pelo matemático Bruno L'Astorina. Além disso, a iniciativa conta com uma equipe de embaixadores linguistas em todo o país. Ao final da competição nacional, os alunos mais bem colocados são convocados para compor a equipe brasileira na *Olimpíada Internacional de Linguística*. Com sete participações, o Brasil tem atualmente 1 medalha de ouro, 1 de prata, 2 de bronze e algumas menções honrosas na olimpíada internacional.

5. Considerações Finais

Ao final desse rápido artigo, é possível perceber que, embora ainda tímida, as ações dos linguistas na divulgação científica vêm se intensificando nos últimos dois anos. Parte disso impulsionado pelo filme *A Chegada* que transpôs o trabalho do linguista para a cultura pop, criando um ícone que tem um papel análogo ao de Indiana Jones para a arqueologia ou o Parque dos Dinossauros para a paleontologia.

Como diz o ditado, “falem mal, mas falem de mim”, o efeito *'A Chegada* também trouxe o interesse de não especialistas que, na ausência de material, começaram a criar os seus próprios. Destes materiais, alguns são de excelente qualidade como os do Nerdologia

⁵O roteiro desta fala pode ser encontrado em <https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2017/05/13/comunicacao-animais-humanos-e-ets/>. Acesso em: 19/10/2018.

e do Ciência Todo Dia. Outros nem tanto. Mas mais do que reclamar, nós linguistas devemos nos misturar nesse meio para falar do que fazemos, desfazer os mitos e desfazer os mal-entendidos.

É também importante notar que uma das primeiras e mais empolgantes ações dos últimos anos e que impulsionou parte desse crescimento teve início com um pós-graduando e um graduando que resolveram gravar vídeos para o youtube. No último encontro do GT de Psicolinguística, oito anos depois e agora como docente e membro do GT, defendi que o uso dessas mídias e tecnologias são importantes para divulgação da área, visto que é a forma de alcançar e chamar a atenção do público. E ninguém melhor para realizar, ou ao menos auxiliar nessa tarefa, que os alunos de graduação e pós mais envolvidos com a área, os quais também estão em contato constante com as tecnologias e com a cultura pop da época, agilizando a disseminação do conteúdo.

Minha experiência ao falar de linguística em situações do dia a dia me faz ver que as pessoas gostam muito da área, apenas não sabem que ela existe ou do que se trata. A experiência que tive durante quase um ano no Portal Deviante e nos Blogs de Ciência da Unicamp também foi bastante enriquecedora. Os comentários das pessoas que não conheciam a linguística são animadores e recompensadoras. Mas mais do que isso, apenas o fato de estudar conteúdos diversos que muitas vezes fogem da minha especialização também aumenta nossa cultura geral dentro da área. Produzir conteúdo de divulgação da linguística me fez ver que eu mesmo não tinha conhecimento de muito do que é realizado na área. Produzir esse tipo de conteúdo, mais do que divulgar, também me fez ver a minha própria área com outros olhos.

Para finalizar, parafraseio as palavras de Inês Guimarães, *youtuber* e divulgadora da matemática, no TEDx Guimarães, em Portugal. Inês finaliza sua palestra dizendo que “*matemática não é saber fazer contas*”. A linguística é algo semelhante: saber uma língua não é saber sua gramática e fazer linguística não é estudar gramáticas.

Referências

CHIANG, T. *História da sua vida e outros contos*; tradução de Edmundo Barreiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

BAZZONI, C.; RAMOS, H.C.; CLETO, M.L. *Viver, Aprender: Manual do Educador, Língua Portuguesa*. 1.ed. São Paulo, Global, 2013.

FITCH, T.W; BOER, B.; MATHUR, N.; GHAZANFAR, A.A. Monkey vocal tracts are speech-ready. *Science Advances*, vol. 2, n.12, 2016.

SAMPAIO, T.O.M. A importância da divulgação científica da Linguística e entrevista com o canal Enchendo Linguística. *Revista Linguística Rio*, v.3, n.1, 2017.

SOARES, R.B.S. A importância da Divulgação Científica, In: ARNT, FRANÇA & BESSA (Org.). *Divulgação Científica para professores*. Tangará da Serra: Ideias, 2015.

Lista de sites listados ao longo do artigo:

- **Blogs de Ciência Unicamp:** www.blogs.unicamp.br
- **Blog do Luisandro Mendes:** <https://luisandromendes.wordpress.com>
- **Canal do Pirulla:** www.youtube.com/channel/UCdGpd0gNn38UKwoncZd9rmA
- **Censo Scicast:** www.deviantecom.br/podcasts/scicast/spin-de-noticias-233
- **Ciência Todo Dia:** www.youtube.com/CienciaTodoDia
- **Coluna Palavreado:** http://cienciahoje.org.br/coluna_category/palavreado
- **Dragões de Garagem:** <http://dragoesdegaragem.com>
- **Enchendo Linguística:** www.youtube.com/channel/UCB-6vpF2TxHJE7gQ3fktzVw
- **GT de Psicolinguística da ANPOLL:** <https://anpollgtpsicolinguistica.wordpress.com>
- **Nerdologia:** www.youtube.com/channel/UClu474HMt895mVxZdIIHXEA
- **Olimpíada Brasileira de Linguística:** www.obling.org
- **Olimpíada Internacional de Linguística:** www.ioling.org
- **Revista Roseta (ABRALIN):** www.roseta.org.br
- **Scicast:** www.deviantecom.br/podcasts/scicast
- **Spin de Notícias:** www.deviantecom.br/podcasts/spin
- **TEDx - Matemática não é fazer contas:** www.youtube.com/watch?v=9IF0K12-pFU
- **Pint of Science Brasil:** <https://pintofscience.com.br>